



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em defesa de Empédocles: réplicas a Teofrasto

Por: Diego Soffritti Cardoso¹⁷

Diegao2000@hotmail.com

Resumo

O presente artigo versará sobre o impacto em Teofrasto causada pela filosofia perceptiva proposta por Empédocles (de Agrigento). De posse do conhecimento de que os limites entre filosofia antiga e sua história não são facilmente delineáveis, a abordagem aqui proposta conciliará ambas vertentes: primeiramente, demonstrar-se-á como o peripatético compreendeu o pensamento do pré-socrático; em seguida, algumas possibilidades de réplicas às críticas serão expostas, tentando preservar a teoria do fisiólogo. Quatro grandes argumentos serão revelados, com as devidas traduções se necessário, a fim de serem analisados e respondidos: sempre tangentes à teoria da sensação e, especificamente, sobre a tese dos poros e eflúvios, núcleo forte de tal sistema. Por último, além da questão filosófica propriamente dita, está posta a importância de se resgatar um pensador pouco conhecido e como seus pensamentos ainda “vivem” até hoje.

Palavras chave: Pré-Socrático; Eflúvios; Poros; Percepção; Liceu.

Resumo

Tiu artikolo enfokusigos pri la efiko al Teofrasto kaŭzita percepta filozofio proponita de Empedoklo (el Agrigento). Armita kun la scio ke la limoj inter Antikva Filozofio kaj lia Historio ne estas facile delineable, la alproksimiĝo proponis tie interkonsentigi ambaŭ aspektoj: unue, estos montranta kiel la ĉirkaŭvojon komprenis la penson de antaŭ-Sokrata; tiam iu kritiko de replikoj eblecoj estos elmontrita, klopodante konservi la teorio de fiziologo. Kvar gravaj argumentoj malkaŝos, kun la necesaj tradukoj se necesas, por esti analizita kaj respondis: ĉiam tanĝanta al la teorio de senso kaj specife pri la tezo de la poroj kaj haladzojn, fortan kernon de tia sistemo. Fine, post la filozofia demando mem, ĝi estas nomita la graveco de elliberigi iom konata pensulo kaj liaj pensoj ankoraŭ "vivas" nuntempe.

Ŝlosilvortoj: Antaŭsokraticoj; Haladzojn; Poros; Percepto; Liceo.

¹⁷ É mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Especialista em Metodologia de Ensino Religioso pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER, é Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É Coordenador do Projeto de Pesquisa sobre “*Dynamis* em Platão: parte 1 – comunitarismo” e do Projeto de Pesquisa “O problema dos Princípios na Filosofia Antiga: concepções gregas e recepção helenística e neoplatônica”. É revisor do periódico “Revista do Seminário dos Alunos do PPGLM/ UFRJ. E autor do livro **Pedagogia e Filosofia: debates éticos para o Ensino Médio** (2017).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

This article will discuss the impact of Empedocles' (of Agrigentum) philosophy of perception over Theophrastus. Knowing that the limits of ancient philosophy and its history are not easily traceable, our approach will combine both ways: at first, how the peripatetic understood the presocratic will be shown; than, possibilities of answers to the critics will be exposed, in order to preserv the physiologist's theory. Also, four great arguments will be revealed for the purpose of being analyzed/replied with their own translations, when necessary. All of them will be close to the sensorial theory, centered in pores' and effluences' thesis, strong core of that theory. At last, beyond the philosophical problem itself, we are valuing the importance of a bit unknown thinker and how his thoughts are still "alive" nowadays.

Keywords: Preocratics; Effluences; Pores; Perception; Lyceum.

Teofrasto

Teofrasto, sucessor de Aristóteles no Liceu, tornou-se importante por suas preocupações sobre a *phýsis*, fazendo-se interlocutor direto dos pré-socráticos em seus textos. Sua metodologia é bastante dual: ora se comporta como um repórter/expositor, citando a tese sem nenhum tipo de valoração, ora como um comentador crítico: com refutações e exemplos contrafactuais. Sobre essa dupla atividade temos que:

"Absurd" or "childish", Theophrastus does not hesitate to declare them, with marshalled evidence for his condemnation. [...] he keeps admirably clear the distinction between reporter and judge, and the reader is usually at no loss to know when the one and when the other is speaking. But while, both as reporter and as judge, he seems studiously to hold back his own more positive conviction upon the topic under discussion, yet he does not wholly succeed in this restraint (STRATTON, 1917)

Dado o entendimento inicial, toda a análise começa sobre a filosofia da percepção de Empédocles, partindo da obra *De Sensu et sensibilibus* de Teofrasto; ou simplesmente *De Sensu*. Tal livro, se assim pode ser chamado, possui o mesmo nome de uma obra de seu mestre Aristóteles, na qual o original seria *Περὶ αἰσθήσεως καὶ αἰσθητῶν*¹⁸, ou seja, *Sobre a Sensação e o Sensível*. Homônimo da obra aristotélica, seu

¹⁸ Existe um problema filológico das passagens gregas não possuírem título, de tal modo que os comentadores preferam o nome em latim, em crédito aos doxógrafos que deram uma unidade ao



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desenvolvimento se aproxima de *A Metafísica*, *Ética a Nicomáco* e outras obras de procedimento dialético, com o exame das *endoxai*: basicamente iniciado com as respostas dos antecessores sobre determinado problema, a fim de procurar incompatibilidades interfilosóficas (dentre os pensadores) e intrafilosóficas (contradições dentro de mesma teoria).

A primeira citação relevante sobre o perceber em Empédocles surge em uma classificação de dois “times” dos filósofos que antecederam a Teofrasto. É ainda evidente que alguns juízos do comentador antigo sobre os sistemas dos autores pautam-se em agrupamentos por crenças comuns, de tal modo que, independentemente de estarem em períodos históricos distintos, há uma unidade temática que responda pela totalidade dos indivíduos citados. Nessa referência ao cidadão de Agrigento, os seguintes agrupamentos são feitos: aqueles que defendem que a percepção surge em um processo do semelhante (*homoíō*), ou seja, os iguais se percebem; e os defensores do contrastante (*enantíō*); isto é, percepção como algum tipo de diferenciação entre o percipiente e o percebido. Tem-se formulado que: “Περὶ δ’ αἰσθήσεως αἱ μὲν πολλαὶ καὶ καθόλου δόξαι δὴ εἰσὶν· οἱ μὲν γὰρ τῷ ὁμοίῳ ποιοῦσιν, οἱ δὲ τῷ ἐναντίῳ. Παρμενίδης μὲν καὶ Ἐμπεδοκλῆς καὶ Πλάτων τῷ ὁμοίῳ, οἱ δὲ περὶ Ἀναξαγόραν καὶ Ἡράκλειτον τῷ ἐναντίῳ” (TEOFRASTO, *De Sensu*, I, 1). Como tradução:

Acerca da percepção as muitas opiniões são, em geral, de dois tipos: aqueles que a fazem por similaridade, e aqueles que a fazem por contraste. Parmênides, Empédocles e Platão pela similaridade e os em torno de Anaxágoras e Heráclito pelo contraste (tradução nossa).

Apesar de parecer muito forte colocar-se um eleata, um cidadão de Agrigento e um ateniense como defensores do mesmo modo processo perceptivo, temos hoje bibliografia suficiente para entender essa união classificatória, pelo menos no que tange a Empédocles e a Platão. Mais do que já ser definido se essa divisão de Teofrasto procede, a informação relevante neste primeiro momento é a de que os sentidos funcionam por um processo de similaridade/homogeneidade. Em adição, a ordem dos três filósofos escolhida por Teofrasto já parece acompanhar uma gradação na quantidade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de informações disponíveis e pertinentes. Empédocles, por ser o terceiro e último, seria o mais “completo” de argumentos para ser colocado no grupo da similaridade, ponto que já reforça a tese de que esse pensador foi um ponto marcante na teoria sensorial e como seus sucessores o precisaram tomar como interlocutor; conforme:

It is clear that Empedocles and Democritus were more interesting to him [Theophrastus], perhaps because their doctrines of perception were so picturable, so frankly mechanical, so contrary to his own ways of thought, and they offered such happy marks for his weapons of offense (STRATTON, 1917).

A Teoria dos Poros e Eflúvios

Partindo propriamente para a teoria que Teofrasto se propõe a combater, essa pode ser explicada pelo seguinte modo: todos os corpos tendem a liberar algum tipo de eflúvio/emanção (ἀπορροή) no ambiente; já os seres vivos, são dotados de poros nos seus sentidos, espécie de passagens presentes em seus corpos. Assim, quando há um adequado encaixe (ἐναρμόττειν) dos eflúvios nos poros do ser sensiente, isso é percepção. O fenômeno perceptivo, então, pode ser reduzido a um encaixe que possui dois polos na relação, eflúvios e poros. A passagem que melhor resume a teoria é o fragmento DK 31 A 86:

Empédocles fala de igual modo de todos os sentidos e diz que a percepção se deve aos “eflúvios” que se introduzem nos poros de cada um dos sentidos. E é por isso que um não pode julgar os objetos de outro, pois as passagens de alguns deles são excessivamente largos e as de outros excessivamente estreitas para o objeto sensível, de modo que o último ora mantém seu curso do começo ao fim sem fazer contato, ora não pode absolutamente entrar. (BURNET, 1994)

Diante do paradigma apresentado, Teofrasto observa dois problemas iniciais: o preenchimento dos poros e a possibilidade de percepção nos entes inanimados. Diante da dinâmica dos eflúvios se deslocarem dos objetos e se encaixarem nos poros do percipiente, Teofrasto deixa a questão se, os poros pensados isoladamente, estariam cheios ou vazios em sua constituição. A seguinte sentença é feita: “ἔτι δὲ πότερον οἱ πόροι κενοὶ ἢ πλήρεις; εἰ μὲν γὰρ κενοί, συμβαίνει διαφωνεῖν ἑαυτῷ, φησὶ γὰρ ὅλως οὐκ εἶναι κενόν· εἰ δὲ πλήρεις, ἀεὶ ἂν αἰσθάνοιτο τὰ ζῶα” (TEOFRASTO, *De Sensu*,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

13).

Em português: Ademais, estão os poros vazios ou cheios? Se vazios, [Empédocles] é inconsistente, pois diz que o vazio não existe; se cheios, os viventes perceberiam a todo momento (tradução nossa). Como a hipótese da existência do vazio já é diretamente descartada por Teofrasto, e com razão, já que na física empedocleana tudo é preenchido pelas quatro raízes, restaria investigar se é razoável defender a perpétua perceptibilidade. Se essa via for exitosa, sempre haverão eflúvios preenchendo tais “espaços” nos poros; isto é, sempre haverá sensação. Sedley assume uma postura interessante diante da crítica, demonstrando que não há propriamente nenhum problema em aceitar tal hipótese:

Empedocles might reply to the challenge about the void by insisting that even a closed eye is seeing something, namely darkness, i.e. has its passages filled with dark effluences. This would be a natural extension of Parmenides' thesis that even a corpse perceives something: cold, dark and silence (SEDLEY, 1992)

Traduzido como:

Empédocles poderia responder ao desafio sobre o vazio ao insistir que até um olho fechado está vendo alguma coisa, a escuridão, isto é, tem suas passagens preenchidas com eflúvios escuros. Isso seria uma extensão natural da tese parmenídica de que até um cadáver percebe alguma coisa: frio, escuro e silêncio (tradução nossa).

Nessa linha de raciocínio, se de fato houver uma disjunção exclusiva entre existência do vazio e perpétua sensibilidade, a saída de Sedley já parece satisfatória: a escuridão não seria propriamente privação de iluminação/cores, mas um efeito específico de determinados eflúvios “escuros”, assim como o silêncio também é resultado de eflúvios “silenciosos” e não apenas ausência de eflúvios sonoros. Nesse sentido, demonstra-se uma réplica plausível a favor de Empédocles, resguardando sua teoria. Outra crítica de peso tem por plano de fundo o problema da vida e do fisicalismo:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se percepção é, em último caso, eflúvio encontrando poro, poder-se-ia dizer que seres inanimados percebem?

Talvez o peripatético queira, assim, chamar atenção de que a percepção necessita de mais um componente: a alma. Diz-nos no que: “ἀπορήσειε δ' ἄν τις ἐξ ὧν λέγει πρῶτον μὲν, τί διοίσει τὰ ἔμψυχα πρὸς τὸ αἰσθάνεσθαι τῶν ἄλλων. ἐναρμόττει γὰρ καὶ τοῖς τῶν ἀψύχων πόροις” (TEOFRASTO, *De Sensu*, 12). Assumindo como: Primeiro, uma aporia poderia surgir sobre o que ele disse: em quê seres animados se diferenciam de outros no que tange a percepção; pois também [os eflúvios] se encaixam aos poros dos seres inanimados (tradução nossa).

Assim, a habilidade de perceber que sempre foi usada como divisora¹⁹ entre viventes e não viventes, perderia tal atributo quando simplificada em termos de poros e eflúvios. Essa questão também é passível de réplica, se compreendermos melhor o que devemos chamar de encaixe/*ἐναρμόττειν* e como essa acepção está adequada ao pensamento do pré-socrático. Gramaticalmente, um dos vocábulos gregos para o verbo encaixar é *ἐναρμόζω*; tendo mesmo radical de *ἁρμονία*, transliterado como *harmonia*. Nesse cenário, os empregos de harmonia em contextos antigos nos garantem um melhor entendimento sobre o verbo que Empédocles se propõe a usar para explicação dos sentidos. Conforme:

Harmonía é empregado como termo técnico da carpintaria e da marcenaria. Trata-se de um significado que não caiu em desuso. Nesse caso, as harmoníai são as amarras, as presilhas materiais, ou as juntas/articulações de uma estrutura. Também há o emprego figurado de harmonía no sentido de um “pacto”, dos laços travados entre duas ou mais partes. Em um desenvolvimento paralelo, uma divindade ou personificação que assume diversas formas e nomes (Harmonia, Afrodite ou Philía), organiza o mundo por meio da unificação, em oposição a um deus ou uma força de separação. Em Empédocles, Harmonia é a artesã que cria as formas mortais, harmonizando os quatro elementos (terra, fogo, água e ar) segundo proporções específicas. (CORREA, 1999)

¹⁹ Ainda que, em moldes Aristotélicos, a nutrição seja a principal divisora.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quanto ao emprego ordinário, a harmonia na construção de móveis e embarcações se aplica às junções articuladas de peças que criam o objeto por inteiro. Em outras palavras, os móveis dependiam exclusivamente da precisão no corte e nos tamanhos, a fim de servirem como um “quebra-cabeça” na edificação de um objeto firme²⁰ e duradouro. Harmonizar, então, é saber justapor partes para a geração de um todo. Frisa-se aqui o conceito de justaposição, pois a Harmonia geratriz de entes a partir dos quatro elementos não está entendida, em concepção atual, quimicamente²¹, mas fisicamente²². Os ossos, por exemplo, são na filosofia de Empédocles a justaposição de oito raízes: $2/8$ de terra, $4/8$ de fogo e $2/8$ de água. Do mesmo modo os demais órgãos possuem suas composições, ainda que não tenhamos registro de uma tabela composicional. Com isto queremos dizer que a chave da resposta está no órgão sensorial: se determinado som é ouvido tanto pelo homem quanto por um cachorro, é devido a mesma disposição material estar harmonizada igualmente em ambos os corpos.

Desse modo, o encaixe do quebra-cabeça de eflúvios e poros deve ocorrer sob determinada forma, pois assim como nem todos os seres possuem ossos, nem todos possuem ouvidos, olhos etc. A crítica de Teofrasto força um hилоzoísmo que não está presente no pensamento do autor²³, além de ignorar outros fatores que permeiam o encaixe, como os poros também serem regidos pelo Amor/Afrodite/Harmonia. Em suma, as duas primeiras críticas resultantes de Empédocles estar no grupo da similaridade são objeções brandas. Ainda nos falta abordar o tópico da correspondência dos semelhantes e da contingência entre olfação e respiração.

20 Em nível de curiosidade, o parafuso teria sido desenvolvido por Arquitas de Tarento, um pitagórico que nasceu na década seguinte à morte de Empédocles.

21 Entendo como química a transformação qualitativa da matéria. Por exemplo, o sódio é uma substância corrosiva, enquanto o cloro é uma substância desinfetante; contudo, a união química das duas, cloreto de sódio, nada mais é que “sal de cozinha”: não porta nenhuma propriedade de suas partes.

22 Em contrapartida da química, não há mudança qualitativa em harmonizações físicas. Por exemplo, um metal e um ímã conectados mantêm as mesmas propriedades anteriores.

23 Pois até mesmo na emblemática passagem mística/religiosa das *Purificações*, o filósofo foi menina, arbusto, ave e peixe, mas não areia, rio, nuvem ou outros entes inanimados.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Correspondência e ambiguidade da olfação-respiração

Quanto ao problema dos semelhantes temos que:

τὸ γὰρ ὅμοιον ἀόριστον. οὔτε γὰρ ψόφῳ τὸν ψόφον οὔτ' ὁσμῆ τὴν ὁσμὴν οὔτε τοῖς ἄλλοις τοῖς ὁμογενέσιν, ἀλλὰ μᾶλλον ὡς εἶπεῖν τοῖς ἐναντίοις. ἀπαθῆ γὰρ δεῖ τὴν αἴσθησιν προσάγειν ἤχου δὲ ἐνότος ἐν ὡσὶν ἢ χυλῶν ἐν γεύσει καὶ ὁσμῆς ἐν ὀσφρήσει κωφότεραι πᾶσαι γίνονται <καὶ> μᾶλλον ὅσῳ ἂν πλήρεις ᾖσι τῶν ὁμοίων, εἰ μὴ τις λεχθείη περὶ τούτων διορισμός (TEOFRASTO, *De Sensu*, 19).

Traduzido como:

“Semelhante” é algo vago. Não percebemos o ruído com o ruído, nem odor por odor, nem os outros pelos seus congêneres; mas sim, podemos dizer, pelos opostos. É necessário que o órgão perceptivo não esteja afetado; se temos ruído no ouvido, sabor no paladar ou cheiro no nariz, esses sentidos se tornam atenuados quanto mais cheios por seus semelhantes estiverem, a menos que se escolha uma distinção a este respeito (tradução nossa).

A crítica parece falar de duas coisas distintas ao mesmo tempo. Empiricamente qualquer um pode perceber que, se torna mais difícil ou até mesmo impossível ouvir determinado som em um ambiente já barulhento; como também sentir determinado cheiro se muitos outros odores já ocuparem o espaço. Nesse sentido entende-se o uso de Teofrasto pelo adjetivo *ἀπαθῆ*: sem pathos, apático, impassível, sem afecção etc. Contudo, ao afirmar que o ruído não percebe o ruído, isso refutaria a tese da similaridade? Fica obscura a crítica, pois em lugar algum está expresso que o órgão deva ser idêntico ao estímulo que apreende. O sistema de poros e eflúvios pressupõe por si mesmo que estes sejam entes distintos; de tal modo que perceber pelos opostos (ἐναντίοις) não se segue diretamente do fato de iguais não se relacionarem: a alteridade entre eflúvios e poros funciona em complementariedade e não em antagonia.

O melhor modelo sensorial para explicitar a questão é o paradigma da audição, que o próprio Teofrasto atribui a Empédocles. Diz-nos que: “τὴν δ' ἀκοὴν ἀπὸ τῶν ἔξωθεν γίνεσθαι ψόφων. ὅταν γὰρ ὑπὸ τῆς φωνῆς κινηθῆ, ἤχεῖν ἐντός· ὡσπερ γὰρ εἶναι κώδωνα τῶν ἴσων ἤχων τὴν ἀκοὴν ἦν προσαγορεύει σάρκινον ὄζον· κινουμένην δὲ παίειν τὸν ἀέρα πρὸς τὰ στερεὰ καὶ ποιεῖν ἤχον” (TEOFRASTO, *De Sensu* 9). Em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

português como:

A audição origina-se dos sons vindos de fora. Pois, quando <o homem> é excitado pela voz, ela ressoa dentro dele. Haveria como que um guizo batendo dentro, a que ele chama osso (?) carnosos. Ao mover-se, o ar bate contra corpos sólidos e os faz **ressoar**”. (PESSANHA, 1979, P. 183, grifo nosso)

Antes de expor exatamente em quais fatores essa passagem pode anular a crítica de Teofrasto, algumas expressões são dignas de atenção detalhada para se entender o contexto: como o caso de ἦχων e κώδωνα. A primeira palavra, quando transliterada, origina o termo “eco” e seus correspondentes em outras línguas latinas, termo utilizado até hoje na física para descrever um fenômeno acústico. Porém, se observarmos as traduções mais utilizadas, fica evidente que os autores optam por *ressoar* e se afastam do ecoar, conforme o faz Bollack:

*La perception auditive est provoquée par les sons venus de l'extérieur, chaque fois que l'intérieur, ébranlé par la voix, résonne; c'est que l'oreille ressemble à un grelot vibrant à l'unisson; il l'appelle <rameau de chair>; une fois ébranlée, elle jette l'air contre les parties solides et déclenche la **résonance**. (BOLLACK, 1969, grifo nosso)*

É muito interessante notar a causa desse desvio do eco para a ressonância. Bastante razoável é assumir que essa mudança advém das contribuições modernas e contemporâneas da física. Do ponto de vista técnico, o eco é uma repetição sonora com diferença de tempo de 0.08 segundos ou mais do som original e de sua reflexão. Isto quer dizer que todo eco é uma duplicação sonora: há o som original que transpassa o ouvinte, bate em uma superfície propícia e retorna passando novamente pelo mesmo com um intervalo específico. Já a ressonância, também apreendida tecnicamente, se trata do ato de coincidirem a frequência de oscilação de uma onda com a frequência de oscilação de um objeto. O exemplo do canto capaz de romper uma taça de cristal é o mais famoso do fenômeno, no qual um som é capaz de alterar a constituição daquele o capta. Naturalmente que ambas as definições técnicas não estavam previstas na acústica antiga, entretanto há uma diferença crucial entre ambas.

Se a tradução de Empédocles for literal, isto é, se eleita a expressão *eco*, ficaria altamente confuso conciliar a percepção auditiva como uma reflexão do som, já que na maioria das vezes em que se ouve algo, temos uma sensação *única*. Outra possibilidade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de interpretação ainda infrutífera seria a de entender a duplicação não do som propriamente (afinal, uma teoria de ondas seria anacrônica), mas do ar movido. Se aceitarmos que o som gera vibrações no ar que se deslocam até o ar interno do ouvido, haveria sim uma duplicação no seguinte sentido: a vibração do externo é, em maior escala, semelhante à interna e sua causadora.

Ocorre, porém, que a descrição do autor é a de que a audição advém de sons externos (*ἔξωθεν ψόφων*), e não uma mecânica paralelística entre movimentos no mundo e no percipiente. Daí a necessidade de se dizer ressoar, uma vez que esse processo pode ser qualificado como um efeito direto de vibrações sobre a matéria, em concordância com o ar que bate nos sólidos, como descrito por Teofrasto. Deste modo, fica clara a importância que esse termo desempenha, obrigando-nos a atentar ao outro conceito chave: *κώδωνα*. Se ficou evidente que a vibração externa move o ar dentro e o faz bater em objetos sólidos, o ouvido precisa ter uma estrutura côncava, como se este comportasse tanto partes sólidas quanto partes de ar. Por conseguinte, a comparação do ouvido com um instrumento musical que necessite de alguma abertura passa a ter nexos, seja como um sino (*grelot*) para Bollack ou um guizo para Pessanha.

Saber exatamente qual instrumento se aproximava melhor do projeto fisiológico de Empédocles não nos acrescentaria muito, desde que se tenha em mente que a audição é o sentido que capta a interação do ar com a parte sólida do ouvido. Assim, as palavras do próprio Teofrasto apenas se sustentam parcialmente, pois apenas a alteridade está explícita no sistema do pré-socrático, e não uma oposição. Já a parte coesa, pelo menos no que tange a audição, é a determinação sobre o órgão estar impassível: de fato, só o sino sem movimento pode ser atingido e produzir som. Contudo, como a vibração não é nem idêntica ao sino, nem também seu oposto, a crítica não refuta o modelo.

Crítica à Respiração

Para defender o argumento da causa I, Teofrasto se utiliza de conhecimento zoológico: partindo da premissa de que existem animais que não respiram e captam odores, quer dissociar os dois conceitos. Temos formulado no fragmento DK 31 A 87:

É o que Empédocles deixou de procurar. É o que diz do olfato não é menos estranho; primeiro, não dá uma causa geral; pois há animais



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que sentem e absolutamente não respiram [...]. A respiração por si mesma não parece ser a causa do olfato, mas por acidente; é o que prova o exemplo de outros animais e o das afecções de que falamos. (PESSANHA, 1979)

Primeiramente, devemos entender qual tipo de relação lógica está presente entre olfação e respiração. Não se trata de uma bicondicional do tipo “há olfato se, e somente se, houver respiração”, uma vez que o fragmento fala sobre o olfato ter origem na respiração. Assim, trata-se de uma implicação simples, “se há olfato, então há respiração”. Para refutar, basta usar algum contraexemplo do tipo “há algo com olfato e que não respira”; que é basicamente a tentativa de evocar outros animais no contexto.

Infelizmente não há menção direta sobre qual animal Teofrasto tenha em mente nessa crítica. Tomarei como hipótese mais forte que seja um inseto, por tanto ser uma classe animal sem pulmões e sem nariz propriamente dito, quanto por já ter aparecido em outros contextos retóricos ou filosóficos²⁴. Diante do raciocínio, pode-se anular a refutação por uma nova bifurcação: ou por via da biologia contemporânea ou pela negação de que insetos possuam olfato (em sentido forte do termo).

Esses animais não possuem um sistema respiratório tão complexo como a dos mamíferos, pois o ar absorvido não depende de sistema circulatório. Contudo, existe sim uma troca gasosa no interior do corpo dos insetos, a qual a atual ciência chama de respiração traqueal; bem como branqueal para os peixes e cutânea para anfíbios. Com isso, queremos dizer que, independentemente do animal eleito por Teofrasto, qualquer ser vivo realiza algum nível de troca gasosa, a que chamamos de respiração. Fica, então, dito que não há de fato algum ser que possa satisfazer a condição de ter olfato e de não respirar.

Ainda assim, se um interlocutor não se desse por convencido com os recursos científicos que temos na atualidade, poder-se-ia refutar Teofrasto demonstrando a impossibilidade de se atribuir olfato a certos animais. Tomando novamente os insetos como paradigma, sabe-se que suas antenas servem para perceber a localização de alimentos e parceiros sexuais, o quê não parece exatamente ser olfato. Assumindo que os objetos próprios da olfação não são alimentos ou rastreios de entes de mesma espécie,

²⁴ Como as pulgas em *As Nuvens* de Aristófanes ou as abelhas em *A Metafísica* de Aristóteles.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mas simplesmente odores, Teofrasto pode não ter tanto êxito na sua crítica.

Em suma, a crítica a Empédocles sobre a possibilidade do olfato agir sem haver respiração é insustentável: ou bem se assume que todo ente vivo respira em algum grau, com respaldo empírico; ou se assume a existência de outros sentidos análogos ao olfato, capazes de localizar certos objetos, sem o serem olfação *stricto sensu*. Para tornar mais visualizável os argumentos sobre a crítica e a resposta, pode-se reescrevê-las como:

Premissa: Se um animal possui olfato, então ele respira.

Argumento 1: Se existir um animal que tenha olfato e não respire, a pressima está refutada.

Argumento 2: Existe um animal que tem olfato e não respira.

Resposta 1: Todos os animais respiram (via biologia contemporânea)

Resposta 2: Ainda que haja um animal que não respire, não possuirá olfato.

Conclusão: Como não é o caso da condição do *Argumento 1*, a *Premissa* se mantém.

O segundo argumento contra a teoria olfatória empedocleana se pauta sobre o conceito de decomposição dos corpos. Em verdade, Empédocles poderia tê-la usada em qualquer contexto sensorial que envolvesse eflúvios, já que sua estratégia aponta para a perda material. Como ponto inicial para explicitar a crítica evoquemos:

Ele nos diz que algum tipo de eflúvio ocorre no odor. Ainda assim ele mesmo encontra dificuldade nessa tese tradicional: qualquer eflúvio parece implicar necessariamente em perda de substância; e como foram os odores que surgiram pelos eflúvios, segue-se que “aquelas substâncias com o odor mais potente pereceriam bem rapidamente. No entanto o fato é o reverso: as plantas e outros corpos mais odoríferos são os que mais tempo vigoram” (STRATTON, 1917, tradução nossa).

Como dito anteriormente, o suposto problema da decomposição/perecimento²⁵ dos entes poderia ser inserido em outros contextos, já que Teofrasto assume que todos os sentidos funcionam em mesmo processo de eflúvios e poros. Cabe também alertar que nosso uso do vocábulo *decompor* se dará em qualquer contexto para *φθείρω*: como entes inanimados apenas se decompõem e os animados perecem e se decompõem, esse

25 Na frase “τὰ πλείστην ἔχοντα ὀσμὴν τάχιστ' ἐχρήν φθείρεσθαι” (TEOFRASTO, De Sensu, 20).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

termo tem maior aplicabilidade por se encaixar em ambos os casos. Em adição, o filósofo no excerto deixa em aberto se pressupõe que no olfato ocorra algo mais do que uma simples recepção de eflúvios: haveria, também, uma recepção de partes do objeto (a que Stratton chama de perda de substância). Para definir tal dificuldade, teceremos aqui duas vias de investigação da crítica: uma que observa as consequências de haver perda material nos eflúvios captados pelo olfato e a via em que não há perda de nenhuma espécie.

Começando pela última, bastaria assumir que o olfato atua da mesma forma que os demais sentidos, recebendo exclusivamente eflúvios sem partes materiais, como os fragmentos sobre visão ou adição em nada trataram a cerca disso. Apesar de parecer distante do tema, uma aplicação de astronomia peripatética pode nos ser útil agora: sabe-se que na astronomia de Aristóteles e Teofrasto, o Sol é imóvel e não cresce nem diminui. Assim, se nos eflúvios também estivessem partes materiais de um objeto, por quê ver o sol não nos garantiria a sua decomposição? Fator impossível no pensamento desses autores. Já pela via de que existe sim perda material, Teofrasto poderia sustentar que apenas objetos odoríferos se decompõem, de tal modo que o Sol, então, seria plenamente inodoro. E quanto aos vegetais citados, por serem sim muito odoríferos, sua taxa de decomposição é maior que a dos entes menos “olfatáveis”. Contudo, seu veloz desaparecimento não se cumpre por haver nutrição na contrapartida, de tal modo que a planta deflui partes e as reconstrói, enquanto houver vida.

Provavelmente o exemplo mais simples para isso é ainda empírico, uma flor quando desenraizada, mantém seu cheiro por pouco tempo comparada àquela que mantém sua nutrição. Pode-se concordar que Teofrasto tem razão nessa passagem, pois é inegável que o olfato tem uma peculiaridade: existe despreendimento material nos objetos odoríferos; contudo uma chama²⁶ ou uma planta só podem manter-se odoríferas enquanto houver nutrição, ponto a que ele não faz alusão. Nesse escopo, cremos ter suficientemente amortecido a crítica da olfação, sustentando a teoria empedocleana.

26 Metaforicamente aplicando alimentação ao fogo, queremos dizer enquanto houver combustível, há cheiro característico.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerações Finais

Pelo que se pôde apresentar, inegavelmente Empédocles se tornou um importante alvo para a edificação de um sistema próprio de Teofrasto, ainda que seja criticado exaustivamente. Beira o cômico o alto número de citações ao pré-socrático para finalizar com “*Ἐμπεδοκλῆς μὲν οὖν ἔοικεν ἐν πολλοῖς διαμαρτάνειν* (TEOFRASTO, De Sensu, 24); ou seja, “De fato, parece que Empédocles cometeu muitas falhas” (tradução nossa). De modo geral, as grandes dificuldades levantadas pelo projeto do peripatético possuem resposta: tanto o vazio nos poros, a percepção dos inanimados, a semelhança sensorial e a contingência olfação/respiração são passíveis de réplica, de tal modo que a tese dos eflúvios não deve ser tão rapidamente abandonada. Contudo, há uma única questão difícil de ser resolvida pela teoria, que é a diferença na “pureza” das percepções. Um exemplo simples é o caso da velhice: qual o tipo de alteração ou obstrução pode ocorrer nos poros que vá impedindo determinadas percepções?

Se houvesse uma mudança significativa no órgão sensorial, os eflúvios passariam direto ou nem entrariam, havendo privação da sensação; mas e o caso do desgaste do órgão? Essa questão parece ficar em aberto com base no material que Teofrasto arrecadou sobre Empédocles. Em outras palavras, existe uma variação no grau da percepção (seja entre animais de diferentes espécies, seja entre seres de mesma espécie em diferentes níveis de saúde) que não está prevista em base aos fragmentos observados. Com isso, queremos dizer que Teofrasto não tem total suporte teórico para refutar definitivamente a teoria perceptiva pré-socrática, pelo menos não com tantos argumentos quanto se propõe a construir; porém, tem alguma razão em assumir que o binômio poro-eflúvio não é uma redução perfeita.

Referências

- BOLLACK, J. *Empédocle. Les Origènes*. Paris: Gallimard, 1969, Vol II..
 BURNET, John. *O despertar da filosofia grega*. São Paulo: Siciliano, 1994.
 CAMPOS, Alexandre; RICARDO, Élio Carlos. “A natureza da região celeste em Aristóteles”. *In Revista Brasileira do Ensino de Física*, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 01-06, Dezembro de 2014.
 CAVALCANTE, Kleber G. Ressonância; Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/fisica/ressonancia.htm>. Acesso em 06.12.2016.
 CORRÊA, Paula da Cunha. *Harmonia: mito e música na Grécia Antiga*. Kléos. Rio



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de Janeiro, p. 174-217, agosto de 1999.

EDUCCAPELA. Respiração Traquial, Branquial e cutânea. 2015. Disponível em:

<http://educcapela.blogspot.com.br/2012/08/respiracao-traquial-branquial-e-cutanea.html?view=magazine>. Acesso em 05.11.2016

EMPÉDOCLES. **Sobre a Natureza**. In: PESSANHA, José Américo Motta, ed. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LACOMBE, D. “Estudos anatômicos e histológicos sobre a sub-família Triatominae (Heteroptera, Reduviidae)”. Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, p. 39-58. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S007402761960000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21.11.2016.

LAZZARINI, Victor E. P. **Elementos de Acústica**. Londrina: N.I., 1998.

SEDLEY, D. “*Empedocles’ theory of vision and Theophrastus’ de Sensibus*”. In ***Theophrastus: His Psychological, Doxographical and Scientific Writings***. New Brunswick, 1992.

STRATTON. ***Theophrastus and the Greek Physiological Psychology before Aristotle***. London: Allen & Unwin, 1917.